

# A reindustrialização em debate

*No dia 5 de junho de 2014, o Sictel promoveu um debate sobre A Cadeia Produtiva como Motor da Reindustrialização, na sede da Fiesp.*

O evento promovido pelo Sindicato Nacional da Indústria de Trefilação e Laminação de Metais Ferrosos (Sictel) contou com importantes personalidades do setor industrial, como o presidente da entidade, Daniele Pestelli, o diretor titular do Departamento de Competitividade e Tecnologia (Decomtec) da Fiesp, José Ricardo Roriz Coelho, Nelson Marconi, representando a Fundação Getulio Vargas (FGV), o presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Estamparia de Metais (Siniem), Antonio Carlos Teixeira Álvares, do presidente do Sindicato da Indústria de Porcas, Parafusos, Rebites e Similares no Estado de São Paulo (Sinpa), José Gianesi Sobrinho, o conselheiro do Sindicato Nacional

da Indústria de Componentes para Veículos Automotores, Mario Milani, e como moderador do debate o professor Germano Mendes de Paula, da Universidade Federal de Uberlândia.

“O Brasil só conseguirá ter uma indústria forte e competitiva se, além de ter uma taxa de câmbio de equilíbrio, desenvolver uma visão de cadeia produtiva”. Esta é a visão de Daniele Pestelli. Para ele, a taxa de câmbio mais competitiva é condição imprescindível para a competitividade da indústria nacional. Na visão do presidente do Sictel, uma cadeia produtiva só é competitiva se todos os elos dessa cadeia forem igualmente competitivos.

O presidente do Sictel ressaltou que as políticas de defesa comercial e de crédito e as deso-

nerações fiscais devem ser concebidas dentro do conceito de cadeia produtiva e devem permeiar todos os elos dessa cadeia. “O Brasil não pode ter a pretensão de achar que pode ter uma indústria tão diversificada num ambiente de economia mais aberta. Devemos analisar quais cadeias podem ter diferenciais competitivos, para garantir que elas tenham condições isonômicas com os concorrentes internacionais”, concluiu Pestelli.

Para o diretor titular do Decomtec da Fiesp, José Ricardo Roriz Coelho, a formação das cadeias produtivas foi fundamental para a industrialização do Brasil. Desse modo, constituiu-se um complexo industrial consistente. Todavia, nas duas últimas décadas, o ambiente sistêmico hostil



à atividade industrial minou a competitividade de vários elos de nossas cadeias produtivas, atingindo todo o complexo industrial do país. "Para o Brasil se tornar uma nação desenvolvida, é necessário que haja um processo perene de reindustrialização. Precisamos de políticas de estado de longo prazo, que promovam um ambiente econômico que confira isonomia competitiva à produção nacional. Logo, a política industrial tem que buscar o adensamento das cadeias produtivas pois elas somente serão competitivas se estiver completa", disse Roriz, que completou: "cadeias produtivas com elos faltantes ou gargalos perdem a competitividade, expondo todos os seus segmentos. Deve-se, portanto, adensar as cadeias produtivas, visando à maior agregação de valor e tecnologia à produção".

Logo, a política industrial tem que buscar o adensamento das cadeias produtivas pois elas somente serão competitivas se estiver completa", disse Roriz, que completou: "cadeias produtivas com elos faltantes ou gargalos perdem a competitividade, expondo todos os seus segmentos. Deve-se, portanto, adensar as cadeias produtivas, visando à maior agregação de valor e tecnologia à produção".

Quanto às propostas apresentadas durante o evento, o diretor do Decomtec disse que, para reindustrializar o Brasil, há a necessidade de uma convergência entre a política macroeconômica e a política industrial. Dentre alguns itens por ele destacados estão: administrar a taxa de câmbio a fim de ter um patamar mínimo que permita a retomada da competitividade da indústria brasileira; alinhar os juros aos níveis internacionais; eliminar a Selic como taxa de remuneração de títulos públicos; reduzir o spread bancário e



os compulsórios; controlar o gasto público; e reduzir a carga tributária e sua complexidade.

Para Antônio Carlos Teixeira, presidente do Siniem, "entre as distorções que afetam a indústria metalúrgica em geral e, em particular, as cadeias produtivas que têm o aço como sua principal matéria-prima, acredito que a pior delas seja a defasagem no valor da nossa moeda. Há vinte anos, no lançamento do Plano Real, foi fixada a paridade entre a nova moeda, o real, e o

dólar americano, com a cotação de R\$ 1,00 igual a US\$ 1,00. Essa cotação não ocorreu por acaso; ela foi testada durante quatro meses, desde 1º de março de 1994, data em que foi criada a Unidade Real de Valor (URV), cujo valor diário equivalia à cotação do dólar americano. Assim, é perfeitamente razoável admitir que a cotação estabelecida, de um real por um dólar, espelhava a realidade de mercado em 1º de julho de 1994, data da criação do real como moeda nacional", lembrou Teixeira.

"Pois bem, corrigindo monetariamente o valor de R\$ 1,00 em 1º de julho de 1994, para junho de 2014, encontraríamos um valor aproximado de R\$ 4,60", contabilizou o presidente do Siniem, completando: "Claro, para corrigir a cotação do câmbio, deve se descontar a inflação americana no período. Isso feito, obter-se-ia um valor aproximado de R\$ 3,00 por 1 US\$, que deveria ser a cotação do dólar hoje, para ser equivalente e da criação do real em 1º de julho

de 1994. Na minha opinião, esta é a principal causa da crise enfrentada pela indústria brasileira de transformação: a sobrevalorização do real, que favorece as importações e castiga sobremaneira a produção local", concluiu Teixeira.

"O conceito de cadeia de valor é essencial para política industrial, no sentido de que usualmente se busca estimular aquelas que possuem maior encadeamento produtivo, seja a montante ou a jusante. Ou seja, as cadeias não são homogêneas quanto à sua importância relativa, pois algumas conseguem gerar maior volume de negócios na economia", disse o professor Germano Mendes, da Universidade Federal de Uberlândia, que foi o moderador do debate.

Para ele, na experiência recente de desindustrialização da economia brasileira, a apreciação cambial e o incremento do coeficiente de importações da economia foram dois dos principais fatores determinantes. Assim, num processo de reindustrialização, faz-se necessário rearticular cadeias industriais já existentes, de tal forma que a ampliação das vendas da indústria seja acompanhada por maior geração de negócios para outros setores industriais. Quanto às propostas apresentadas durante o evento, o professor enfatizou que houve convergência sobre a gravidade da situação da indústria e a necessidade de políticas industriais estruturais voltadas ao estímulo de cadeias produtivas na sua integridade, em detrimento de mecanismos pontuais de políticas e que priorizam poucos elos das mencionadas cadeias.

www.sicetel.org.br

